

América-Latina viva e dominante:

uma análise da performance de Bad Bunny no Super Bowl 2026

sob a ótica de Jesús Martín-Barbero

Marcus Vinicius Nergues dos Santos¹

Prof. Esp. Bruna Ramos da Fonte²

RESUMO

O presente artigo analisa a performance de Bad Bunny no Super Bowl 2026 à luz da teoria das mediações de Jesús Martín-Barbero, considerando a releitura do conceito de hegemonia de Antonio Gramsci no contexto latino-americano. Parte-se da compreensão de que a comunicação não se restringe aos meios técnicos, mas se constitui nas práticas culturais e nos espaços cotidianos, especialmente no bairro, entendido como lugar de produção de identidade. A partir dessa perspectiva, investiga-se como repertório musical, cenografia e performance articulam uma narrativa de valorização da América Latina diante de tensões políticas nos Estados Unidos. Evidencia-se o papel ativo do público na ressignificação das mensagens midiáticas, destacando a comunicação como espaço de disputa simbólica e afirmação cultural.

Palavras-chave: comunicação; mediações; hegemonia; latinidade; Bad Bunny

ABSTRACT

This article analyzes Bad Bunny's performance at the Super Bowl in light of Jesús Martín-Barbero's theory of mediations, considering the reinterpretation of Antonio Gramsci's concept of hegemony within the Latin American context. The analysis is based on the understanding that communication is not limited to technical media, but is constituted through cultural practices and everyday spaces, especially the neighborhood, understood as a site for the production of identity. From this perspective, the study investigates how musical repertoire, scenography, and performance articulate a narrative that values Latin America amid political tensions in the United States. The article highlights the active role of the audience in re-signifying media messages, emphasizing communication as a space of symbolic dispute and cultural affirmation.

¹ Aluno do curso de Bacharelado em Filosofia da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM), realizou iniciação científica na linha de pesquisa *Arte e Cultura Latino-Americana*. Email: mvnergues@gmail.com.

² Jornalista especializada em assuntos latino-americanos, professora de graduação e pós-graduação na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM), pesquisadora e autora de livros. Especialista em Direitos Internacional e Direitos Humanos (PUC-Minas), Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade (UAM), Relações Internacionais (UAM), e mestranda no PPGDesign Anhembi Morumbi. É orientadora das linhas de pesquisa *Arte e Cultura Brasileira*, *Arte e Cultura Latino-Americana* e *Direitos Humanos*. E-mail: bruna.fonte@fapcom.edu.br.

Keywords: communication; mediations; hegemony; latinidad; Bad Bunny.

RESUMEN

Este artículo analiza la presentación de Bad Bunny en el Super Bowl a la luz de la teoría de las mediaciones de Jesús Martín-Barbero, considerando la reinterpretación del concepto de hegemonía de Antonio Gramsci en el contexto latinoamericano. El análisis se basa en la comprensión de que la comunicación no se limita a los medios técnicos, sino que se constituye a través de prácticas culturales y espacios cotidianos, especialmente el barrio, entendido como un lugar de producción de identidad. Desde esta perspectiva, el estudio investiga cómo el repertorio musical, la escenografía y la performance articulan una narrativa que valoriza a América Latina en medio de tensiones políticas en Estados Unidos. El artículo destaca el papel activo de la audiencia en la resignificación de los mensajes mediáticos, enfatizando la comunicación como un espacio de disputa simbólica y afirmación cultural.

Palabras clave: comunicación; mediaciones; hegemonía; latinidad; Bad Bunny.

INTRODUÇÃO

Na incrível década de 1960, marcada por diversas inovações tecnológicas impulsionadas pela Guerra Fria — como a transmissão da TV em cores e via satélite ou o primeiro toque de pés humanos na lua, segundo relata o site do IEEE³ (2026) —, surge, próximo ao seu cume, mais precisamente no ano de 1967, uma liga de campeonato de futebol americano nos Estados Unidos, mediante a junção de duas ligas rivais. Desde o seu surgimento, já foi caracterizada por musicalidade e alegria jovial, com a presença de bandas marciais dos universitários. Aquilo que era para ser um evento esportivo tornou-se um dos maiores eventos culturais do mundo devido à democratização e à potência televisiva.

De acordo com o site International Olympic Committee (2026), o Super Bowl é uma apresentação artística que acontece na final da liga de campeonato de futebol americano dos Estados Unidos durante o intervalo e, ao longo dos anos, contou com a apresentação de diversas celebridades mundialmente renomadas — incluindo Michael Jackson, Beyoncé, Rihanna,

³ Segundo tradução nossa do inglês para português, Institute of Electrical and Electronics Engineers (IEEE), designa o Instituto de Engenheiros Elétricos e Eletrônicos. Com sua fundação e sede situada nos Estados Unidos, esta é uma das organizações beneficentes mundiais mais respeitadas no quesito estudos sobre inovação tecnológica para benefício da humanidade.

Madonna, e Coldplay. Nesse mesmo palco, em 2026 apresentou-se Bad Bunny, uma figura cuja escolha e apresentação desagradou ao presidente Donald Trump — diante dos fatos sociais que serão posteriormente mencionados.

Nascido no dia 10 de março de 1994, Benito Antonio Martinez Ocasio — mais conhecido por Bad Bunny, seu nome artístico — é porto-riquenho. Artista com uma das músicas mais ouvidas do mundo em 2025 — do álbum *DeBÍ TiRAR MáS FOToS*, a canção *DtMF*, segundo o site Billboard (2026) —, com traços de afirmação cultural em suas letras, já havia marcado presença timidamente no palco do Super Bowl no ano de 2020, como convidado da cantora colombiana Shakira. Mas, é em 2026 que Bad Bunny traça um caminho histórico ao se tornar porta-voz da cultura latina em meio à repercussão da série de políticas antimigratórias do governo Trump, com deportações oficiais, com a presença de força bruta policial, num momento em que se instaura, nos Estados Unidos da América, uma crise humanitária, pondo em níveis alarmantes o retrocesso a garantias fundamentais do migrante e pondo em xeque até mesmo princípios constitucionais (Jornal da Unesp, 2026).

O fato aqui mensurado consiste em assistir um homem latino ocupando o lugar de protagonista — com a participação da estadunidense Lady Gaga e do porto-riquenho Ricky Martin —, exercendo críticas declaradas ao imperialismo⁴ dos Estados Unidos; ou, melhor dizendo, quem assistiu a apresentação no Super Bowl, viu o representante de um país oprimido posicionando-se, sem se deixar intimidar diante do opressor.

De acordo com a Agência Brasil (2026), os nativos de Porto Rico, país de Benito, têm livre acesso aos Estados Unidos e possuem um governador próprio, mas a ilha não é reconhecida como um Estado federado, recebendo a denominação de “Estado Livre Associado”. Nesse contexto, seus cidadãos não possuem direito de voto para eleger o presidente dos Estados Unidos, nem para escolher um representante com plenos poderes no Congresso estadunidense. Além disso, estão sujeitos às leis federais — cuja sede política é Washington —, e podem ser convocados para o serviço militar. Essa condição ambígua, que combina elementos de autonomia com traços de

⁴De acordo com o Dicionário Michaelis On-line, imperialismo é o substantivo masculino que designa a política ou tendência de expansão do poder político, econômico ou administrativo de uma nação sobre outras, geralmente mais fracas, buscando dominação direta ou indireta.

subordinação, levanta questionamentos sobre o grau real de independência de Porto Rico, aproximando sua situação, em certa medida, à de territórios historicamente colonizados.

O que levou à escolha de Bad Bunny para apresentar-se em terras estadunidenses não se deu de imediato por uma contratação milionária; ao contrário, não houve cachê, mesmo se tratando de um dos artistas mais bem pagos do mundo. É prática da National Football League, a NFL, não favorecer os artistas de modo remunerado, mas, de toda forma, a organização busca cobrir todos os gastos de produção, como custos com cenografia e logística. A exposição global alcançada com a apresentação pode ser suficiente para fazer com que o artista alcance uma projeção única; afinal, o intervalo do Super Bowl é considerado o maior instrumento de marketing na indústria cultural e de entretenimento.

Diante da necessidade de resistência latina nos Estados Unidos, faz-se imprescindível observar a proposta nos estudos produzidos por Jesús Martín-Barbero — filósofo e antropólogo espanhol, radicado na Colômbia a partir da década de 1960 —, que renovou diversos aspectos dos estudos da comunicação na América Latina ao compreender a importância dos bastidores ou do que acontece além do uso técnico dos meios de comunicação.

Autor da obra *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia* — referência para os estudos de comunicação —, comportando de modo próprio os meios de construção da comunicação no contexto latino-americano, abordando a receptividade do público em seus diferentes modos, e trazendo ao centro dos estudos da comunicação a prevalência do lugar de produção e acolhimento de ideias, tratando especificamente das relações comunicacionais nos bairros.

Nesta obra, o filósofo e antropólogo compreende e concebe o conceito de mediação como um termo usado para designar as estruturas culturais e sociais que recebem o conteúdo midiático. Aqui está um dos elementos mais essenciais de sua filosofia, pois busca estabelecer a importância da valorização das identidades culturais e do rompimento com o determinismo enrijecido dos estudos técnicos que se voltam exclusivamente em como usar a máquina.

Martín-Barbero revela a não passividade popular, e nota que o povo não é desprovido de voz e estagnado em um lugar de manipulação; são eles membros de estruturas — como família,

religião, memória coletiva, costumes tradicionalmente enraizados em determinados territórios — que, por sua vez, são ativos e produtores de sentido.

Para Martín-Barbero, a mídia não deve ser compreendida unicamente como instrumento oficial de manipulação das massas, mas os meios de comunicação são perpassados pela cultura e pela vida social daqueles que a acessam, possibilitando não somente a repetição de comportamentos do que se recebe, mas também uma receptividade crítica carregada de poder de escolha.

Desse modo, os diversos elementos contidos no show de Bad Bunny propõem a inclusão dos vários países da América Latina para o conceito-chave de América. O Estado — e, nesse caso, o estadunidense — pode cair no erro de excluir e segregar, mas a cultura — nesse caso, a latina — tem a única pretensão de incluir e unir; ou seja, para o migrante residente nos Estados Unidos que esteve no show, que assistiu na televisão, ou visualizou a sua repercussão nas redes sociais, há a possibilidade de transformar o show em afirmação cultural, deslocando os Estados Unidos como “A América” singular e definida, partindo da constatação de que é apenas um dos países participantes do continente americano e de que faz-se necessário considerar os demais.

Nessa perspectiva, ao analisar elementos essenciais da filosofia de Martín-Barbero, juntamente das matérias jornalísticas veiculadas em diversos meios sobre a questão migratória nos Estados Unidos e com a ressonância da apresentação de Bad Bunny no Super Bowl 2026, estabelece-se aqui uma conectividade que reflete aspectos de hegemonia política e cultural dentro do ambiente comunicativo na contemporaneidade latina.

A BASE CONCEITUAL DE JESÚS MARTÍN-BARBERO: HEGEMONIA DE GRAMSCI

A base conceitual de Martín-Barbero encontra-se na teoria da hegemonia de Gramsci quando, a partir das reflexões marxistas, pensa a questão cultural e a dimensão de classe, designando a classe dominante como geradora de hábitos e costumes, enquanto a classe dominada, subordinada a essas influências, é seguidora de um discurso que lhe é imposto. Entretanto, Martín-Barbero (2003) encontra elementos já no pensamento fundante, que viabilizam aquilo que, mais tarde, irá teorizar, de modo a afirmar que:

Está em primeiro lugar o conceito de hegemonia elaborado por Gramsci, possibilitando pensar o processo de dominação social já não como imposição a partir de um exterior e sem sujeitos, mas como um processo no qual uma classe hegemônica na medida em que representa seus interesses, que também reconhecem, de alguma medida, como seus as classes subalternas. E “na medida” significa aqui que não há hegemonia, mas sim que ela se faz e desfaz, se refaz permanentemente num “processo vivido”, feito não só de força, mas também de sentido, de apropriação do sentido pelo poder, de sedução e de cumplicidade. (Martín-Barbero, 2003, p. 116)

A partir disso, Jesús Martín-Barbero percebe que o movimento hegemônico cultural é vivo, de modo que a dominação de uma classe sobre outra acontece na medida em que a dominante percebe a representação dos seus interesses e se utiliza de diversos subterfúgios que seduzem e se apropriam, articulando-se de modo a evitar a imposição direta ou o uso de força bruta, mas recorrendo à manipulação sutil por meio da naturalização de determinados valores e visões de mundo.

O processo de compreensão da hegemonia cultural pela classe burguesa é refinado quando Martín-Barbero (2003) introduz a ótica do antropólogo italiano Antonio Cirese — estudioso da comunicação e observador das distinções culturais entre as elites e as classes populares. A partir desta perspectiva, enxerga a reorganização das demandas culturais transmitidas ao popular:

Quer dizer que, frente a toda tendência culturalista, o valor do popular não reside em sua autenticidade ou em sua beleza, mas sim em sua representatividade sociocultural, em sua capacidade de materializar e de expressar o modo de viver e pensar das classes subalternas, as formas como sobrevivem e as estratégias através das quais filtram, reorganizam o que vem da cultura hegemônica e o integram e fundem com o que vem de sua memória histórica. (Martín-Barbero, 2003, p. 117)

A visão de Antonio Cirese é conduzida de maneira perspicaz para o centro das discussões do poder hegemônico e já visualiza que o povo não é constituído de uma mentalidade fragmentada e enrijecida, mas que possui um elemento essencial de espontaneidade que é capaz de escolher também o que lhe é oferecido na comunicação. Nesse mesmo viés, Martín-Barbero apresenta ainda a reflexão proposta por outro antropólogo, o argentino García Canclini, que rompe com a concepção fatalista da classe dominada, onde seria posicionada sempre passível de manipulação por parte de quem domina:

[...] insistiu-se tanto na contraposição da cultura subalterna e da hegemônica e na necessidade política de defender a independência da primeira, que ambas foram pensadas exteriores entre si. Com o pressuposto de que a tarefa da cultura hegemônica é dominar e

a da cultura subalterna resistir, muitas investigações não parecem fazer outra coisa que não seja pesquisar além das formas como uma e outra cultura desempenham seus papéis neste libreto. (Martín-Barbero, 2003, p. 118)

Estes antropólogos percebem lacunas no pensamento gramsciano que auxiliam a formular a essencialidade do pensamento de Martín-Barbero, que transporta o foco do estudo dos meios de comunicação para onde a comunicação alcança, atinge e se reformula — ou seja, aquilo que o autor traduz como mediações.

Ao longo da obra, o autor compreende mediações como o lugar ou as atividades socioculturais onde a notícia é produzida e circula, e onde acontecem as transformações midiáticas. Para ele, pode ser a família, a religião, o ambiente educativo, a rua, os clubes de festa. Seja qual for o ambiente em que a mídia circule e reverbere acerca do que aconteceu na novela, na publicidade ou no jornal, aí está o seu foco. Por mediações, compreende-se o espaço ou o processo em que a comunicação gera sentido e, por isso, a filosofia comunicacional barberiana desloca seu objeto de estudo: se afasta dos meios de comunicação — que são naturalmente limitados à tecnicidade —, para se aproximar do lugar onde a comunicação possui historicidade, vivacidade e a possibilidade de reinterpretação.

Através do título e do subtítulo de sua obra — *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia* —, faz-se aqui a explicação do real motivo que desloca a teoria da comunicação dos meios para as mediações. Sua compreensão se fundamenta nos processos de comunicação, cultura e hegemonia. A real percepção é de que o ambiente comunicacional se converteu — ou está em processo de conversão — em um lugar estratégico, onde é possível discutir o caminho de modernização. Ou seja, ao observar a América Latina em sua pluralidade cultural e com suas necessidades elementares ainda não correspondidas — como moradia digna e segurança alimentar —, a comunicação é o lugar em que a sociedade estabelecerá suas relações de diferentes formas (Martín-Barbero, 2003).

Nessa perspectiva, diante do contexto latino-americano, que é propriamente rico com sua mestiçagem de pretos, brancos e indígenas, que se mesclam em suas tradições culinárias, com suas matrizes religiosas e, por fim, em seus modos de viver e praticar o ser político, é evidente para a filosofia barberiana que os indivíduos recebem as mensagens midiáticas e usam nelas uma

reformulação de acordo com seus próprios modos de pensar. Por isso, Jesús Martín-Barbero (2003) afirma que:

O estudo dos usos nos obriga, então, a deslocarmos o espaço de interesse dos meios para o lugar onde é produzido o seu sentido: para os movimentos sociais e, de um modo especial, para aqueles que partem do bairro. Não só os sociólogos, os antropólogos e os estudiosos de comunicação se interessam hoje pelo que se passa no bairro popular, mas também os historiadores. (Martín-Barbero, 2003, p. 281)

É nesse ponto que, mediante a valorização do diferente e da magnânima diversidade existente na América Latina, que Jesús Martín-Barbero tece sua teoria comunicacional, que não descarta a importância dos meios de comunicação, mas enxerga o real valor em usá-los, com enfoque no pensamento ativo de um povo que está em processo de construção da sua identidade.

A mediação enquanto bairro pode ser compreendida como o lugar de manifestação da identidade cultural de um povo, por meio de grupos e associações que lutam pelos direitos sociais daqueles que vivem em condições precárias e precisam, por exemplo, buscar habitação ou fornecimento de energia elétrica e água, e tantas outras demandas essenciais para a manutenção de uma vida digna. Assim, Martín-Barbero compreende o bairro como “o lugar de constituição das identidades”; é o lugar onde habita a diversidade, a democracia que porta esperança e não a bandeira de um partido, a religiosidade e, também, é o lugar do reconhecimento do protagonismo feminino. Portanto, o bairro é tomado aqui como a mediação principal para se compreender como estabelecer a identidade dos latinos.

PERSPECTIVAS DE MARTÍN-BARBERO SOBRE O BAIRRO

Encontra-se aqui o ponto-chave do deslocamento obtido por Jesús Martín-Barbero: o bairro. E, como já dito anteriormente, é aqui que se articulam identidade, sociabilidade entre as identidades existentes, recepção das mensagens midiáticas e resistência simbólica contra toda cultura que tente exercer supremacia sobre a latinidade. O autor recorre aos estudos dos usos dos meios de comunicação, propostos de forma grandiosa por L. H. Gutiérrez e L. A. Romero⁵, trazendo como foco a cidade de Buenos Aires.

⁵ L.H. Gutierrez é um historiador argentino que estudou cultura popular, formação urbana em bairros operários, imigração e sociabilidade popular em Buenos Aires, associado a L.A. Romero, também historiador. Ambos

Esse estudo busca entender como o bairro caracteriza-se através de uma enxurrada de imigrantes, possivelmente em busca de condições melhores de trabalho, e através do próprio movimento de constituição de sua identidade, com suas dimensões culturais e políticas. Nisto reside o deslocamento da análise comunicacional para a cotidianidade, evidenciando que os meios constroem e geram sentido nos espaços comunitários — como clubes, quadras esportivas, bibliotecas ou cafés; é nesses campos sociais que a sociedade forja uma cultura específica. E assim nasce o bairro.

Ao deparar-se com uma visão do bairro como lugar de “dormitório ou o universo do familiar e do doméstico”, Martín-Barbero rejeita essa visão e dá preferência à ótica do desafio proposto por uma antropologia urbana que, sem renunciar aos aspectos desafiantes existentes no bairro, com toda precariedade estrutural e seus próprios conflitos relacionais, descobre no bairro também “o grande lugar mediador entre o universo privado da casa e o mundo público da cidade” (Martín-Barbero, 2003, p. 286); ou seja, o bairro é o ambiente em que o indivíduo forma sua identidade através da comunicação entre familiares e vizinhos. Diante dessa imagem reformulada do bairro como um lugar que porta relações vivas, que se distingue das relações existentes no trabalho, Martín-Barbero (2003) afirma que:

O bairro proporciona às pessoas algumas referências básicas para a construção de um a gente, ou seja, “de uma sociabilidade mais ampla do que aquela que se baseia nos laços familiares, e ao mesmo tempo mais densa e estável do que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade”. Frente à provisoriabilidade e à rotatividade do mercado de trabalho que, sobretudo em tempos de crise econômica, dificultam a formação de laços permanentes, é no bairro que as classes populares podem estabelecer solidariedades duradouras e personalizadas. Nesse espaço, ficar sem trabalho não significa perder a identidade, isto é, deixar de ser filho de fulano ou pai de beltrano. E, frente ao que acontece nos bairros residenciais das classes alta e média-alta, onde as relações se estabelecem mais com base em laços profissionais do que por vizinhança, pertencer ao bairro, para as classes populares, significa ser reconhecido em qualquer circunstância. (Martín-Barbero, 2003, p. 286)

desenvolveram pesquisas sobre o bairro popular e a experiência urbana entrelaçando as identidades de classes do povo em sua formação cultural, de modo particular em Buenos Aires. Os estudos realizados em conjunto serviram como fundamentação à teoria das mediações, colaborando com a ótica de Martín-Barbero que deslocou-se dos meios de comunicação ao entendimento do uso das comunicações e posteriormente formulou a compreensão de bairro como mediação.

A partir dessa visão, Martín-Barbero quer redimensionar o valor das relações humanas em lugares que podem passar despercebidos. A configuração tomada aqui com sua leitura, é que o bairro já não é um lugar em que se exerce tempo livre para voltar à vida real, que é o trabalho; o bairro é, na verdade, o verdadeiro ambiente de constituição dos indivíduos, sem o qual é impossível tornar reais as percepções das necessidades mais básicas do ser humano.

Essa compreensão torna-se ainda mais evidente quando observamos, por exemplo, os dados sobre a expectativa de vida nos diferentes bairros da cidade de São Paulo. Segundo o Mapa da Desigualdade da Rede Nossa São Paulo (2025), enquanto no bairro de Alto de Pinheiros a idade média ao morrer é de 82 anos, em Cidade Tiradentes — situado na periferia paulistana —, é de apenas 62 anos, revelando um abismo de vinte anos entre bairros de uma mesma cidade. Estes dados demonstram o quanto as condições de vida são profundamente marcadas pela territorialidade; afinal, o bairro influencia diretamente o acesso do cidadão a direitos, serviços e oportunidades, e, conseqüentemente, às possibilidades de manutenção da vida.

Dentro desse mesmo ambiente, a visão de Jesús Martín-Barbero remonta à legitimidade de toda expressividade cultural, seja qual for o tipo ou a localidade: a dança de rua, os grafites nos muros ou a rima cantada no transporte público. Todos esses lugares manifestam a vivência real dos seus habitantes, e há um toque especial da estética popular, pois é neles que as pessoas se encontram para conviver, viabilizar atividades que colaboram com o vínculo empregatício próprio ou para desenvolver atividades lúdicas.

Desse modo, atividades como o futebol de rua ou uma batalha de rima, são elementos que constituem e organizam a arte popular e, talvez, seja nesses ambientes que as pessoas tenham a única oportunidade de manifestar suas visões acerca das últimas notícias assistidas no telejornal, ou mesmo comentar sobre os desenvolvimentos da trama novelística que acompanham. E é ainda nesses lugares, como propriamente nos muros, que acontecem as manifestações por direitos, as quais percorrem o campo da poesia, mas sugerem também a reivindicação por melhorias urbanas.

A reflexão proposta por Martín-Barbero é a identificação de que a América Latina é lugar de reconhecimento identitário e produção simbólica, que traduz uma verdade cultural dos países latino-americanos. Sua proposta de expor a verdade gerada por conta de questionamentos acerca de quem são e como vivem os latino-americanos tem a pretensão de fundamentar uma nova teoria

filosófica que aborde alguns elementos semióticos, sociológicos e informacionais, para que seja demarcado o objeto de sua pesquisa. Porém, existem diversas nuances neste trajeto que promoveram certa confusão para o entendimento da questão e culminaram na “perda do objeto”. Fez-se necessário, antes de teorizar, observar como os movimentos sociais se apropriaram da comunicação e, através da cultura, expressaram suas necessidades, fazendo da comunicação um processo que abraça visões sociológicas, econômicas e identitárias.

Nesse contexto, a quebra do paradigma conceitual de comunicação, devido às situações concretas que a América Latina passava, não afastou os estudiosos comprometidos com a comunicação e com a política, para dar voz e vez a esse povo pautado por uma busca incessante pela sua própria identidade.

Antes de prosseguir com a identificação da cultura na comunicação, faz-se necessário compreender qual movimento histórico deu-se na América Latina da década de 1960, onde vigorava um modelo de estudo que priorizava somente a investigação crítica, findando numa etapa chamada de ideologista, com demarcações conceituais que sinalizam uma pesquisa ocupada unicamente com o objetivo de descobrir e denunciar as estratégias da ideologia dominante.

Consequentemente, nos anos de 1970, formula-se outra etapa em que, a partir das evidências da década anterior, surge, primeiramente, uma negação da etapa ideologista e a necessidade de construir uma ciência comunicacional mais séria e aplicada, o que deu origem ao cientificismo. De início, buscou-se observar os processos de comunicação com sua importância informacional no meio político, mas culminou numa teoria fechada, reservada a um manejo técnico que se preocupava somente com a transmissão da informação, sem valorizar os problemas sociais vigentes, ou uma análise aprofundada sobre a recepção coletiva da informação. Deu-se mais atenção ao funcionamento estrutural da comunicação do que à análise relacional do receptor-mensagem-emissor.

Com a reformulação da dimensão comunicacional, grande parte dos congressos e seminários de comunicação na América Latina que aconteceram entre as décadas de 1960 a 1980, dão ouvidos a um processo rico que derruba fronteiras geográficas e tende a ir — impulsionado também de alguma forma pelo capitalismo —, a um lugar de valorização do popular, onde as

culturas se abraçam (Martín-Barbero, 2003). Ou seja, é o momento em que a cultura latina se democratiza e sofre um processo decisivo de transnacionalização.

MENSAGENS DE BAD BUNNY SOBRE A AMÉRICA

O processo de transnacionalização e suas nuances pode ser vislumbrado no *modus operandi* do artista Bad Bunny em sua performance no Super Bowl 2026. Mas o que, de fato, é esse processo transnacional? Eis o que Jesús Martín-Barbero (2003) afirma:

A questão transnacional designa mais do que a mera sofisticação do antigo imperialismo: uma nova fase do desenvolvimento do capitalismo, em que justamente o campo da comunicação passa a desempenhar um papel decisivo. O que está em jogo agora não é a imposição de um modelo econômico, e sim o “salto” para internacionalização de um modelo político. O que nos obriga a abandonar a concepção que tínhamos dos modos de luta contra a “dependência”, porque “é bem diferente lutar para se tornar independente de um país colonialista, em combate frontal, com um poder geograficamente definido, de lutar por uma identidade própria dentro de um sistema transnacional, difuso, inter-relacionado e interpretado de modo complexo”. (Martín-Barbero, 2003, p. 294-295)

Portanto, a expressão das latinidades se vê, nesse momento internacional e projetada a escalas mundiais — e agora ainda mais com a apresentação de um latino-americano, hispanohablante e porto-riquenho em território estadunidense, que se observam e compreendem como precursores e viabilizadores da cultura mundial.

Com a temática transnacional empregada nas referências latinas, há um *boom* da valorização cultural como nova concepção do ser político; ou seja, já que a América Latina “não consegue” emergir politicamente de modo tradicional — devido às variedades conflitivas —, faz-se necessário ascender politicamente de modo alternativo, viabilizando seu poder cultural (Martín-Barbero, 2003).

Viabilizar a cultura como forma de poder político encontra sua imprescindibilidade dentro da filosofia de Jesús Martín-Barbero, pois o autor enxerga a América Latina como um lugar de cultura, conflito e criatividade. A relação existente entre essa tríade remonta ao artigo *La comunicación: un campo de problemas a pensar*, onde o autor reflete seu desenvolvimento metodológico e, a partir disso, infere suas aplicações ao pensar comunicação, de modo que o professor Alberto Efendy Maldonado Gómez De La Torre (2021) afirma que:

Em todo o trabalho, verificamos a coerência com o seu postulado metodológico de partida: pensar a partir do popular. O conjunto de problemas tratados, os sujeitos históricos que participam de sua trama reflexiva, os processos analisados, os paradoxos, conflitos, contradições e as proposições construídas têm essa orientação como fio condutor das racionalizações. (De La Torre, 2021, p. 18)

Nessa perspectiva apresentada, a partir da valorização do popular, observam-se possíveis elementos que, na ótica de Martín-Barbero, faz-se necessário valorizar na performance de Bad Bunny no Super Bowl, e quais são as evidências culturais referenciadas e analisadas em sua atuação, com os contextos pré e pós-apresentação, mediante a uma pressão exercida pelo pensamento imperialista de Donald Trump, que, por sua vez, constrói muros e promove guerras.

A forma como essa análise pretende ser realizada, com elementos que se congregam e se relacionam, sendo eles o repertório musical, a cenografia e a performance, se dividirá em três partes, de modo que o registro da apresentação disponível no YouTube, totalizando cerca de 13 minutos e transmitido por uma emissora estadunidense no dia 8 de fevereiro de 2026, se dê como ponto de partida.

O repertório musical é o conjunto de músicas cantadas em um show com desenvoltura e progressão narrativa. A escolha de Bad Bunny, segundo o site Rolling Stone (2026), foi abrir o show com a música *Tití Me Preguntó*, do álbum *Un Verano Sin Ti* (2022). Em seguida, o artista apresenta a faixa *Yo Perreo Sola*, do álbum *YHLQMDLG* (2020). Na sequência, é a vez das faixas *Safaera*, *Party*, *Voy a Llevarte a PR* e *EoO*, que são canções de *reggaeton*, ritmo de origem latina. Outras músicas bastante conhecidas entre os ouvintes de Bad Bunny agitaram esse momento especial da vida do artista: *MONACO*, *BAILE INoLVIDABLE*, *LO QUE LE PASÓ A HAWAII* — que contou com a participação de Ricky Martin, artista porto-riquenho —, e ainda outras canções, como *El Apagón*, *CAFÉ CON RON*, *NUEVA YoL*. A apresentação se encerra com *DtMF* — sua música mais ouvida e que dá nome a um de seus álbuns.

O artista trouxe ainda a participação da estadunidense Lady Gaga, com quem cantou em dueto *Die With a Smile*, de autoria da cantora, mas em versão salsa, contando com uma energia mais contagiante e dançante.

A música de abertura — *Tití Me Preguntó* —, já é uma canção consolidada e premiada na carreira de Bad Bunny (Rolling Stone, 2022). Em sua letra, trata de uma conversa imaginária com sua tia, que questiona se ele tem muitas namoradas, ao que ele responde que, por problemas de

confiança, não as tem; e, apesar de não as ter, demonstra seu interesse pelas mulheres da Colômbia, da República Dominicana, do México e de uma cidade chamada San Antonio, no Texas — EUA, onde há uma grande comunidade latina. O clipe, gravado em Nova Iorque, é significativo, pois mostra o cantor em espaços de cotidianidade, como ruas, barbearias e bodegas do bairro Bronx, que possui uma das maiores comunidades porto-riquenhas fora de Porto Rico.

Já em *Yo Perreo Sola*, de 2020, ganhadora também do *Grammy Latino de Melhor Performance de Reggaeton*, a qual esteve, nesse mesmo ano, como a terceira melhor música e entrou para o top 15 das 100 maiores músicas de *reggaeton* de todos os tempos, segundo a *Time* e a *Rolling Stone*, respectivamente. Com seu ritmo energético, a música aborda a temática do respeito às mulheres — ainda que, em um primeiro momento, ela pareça objetificar o sexo feminino, se trata de uma demonstração de valorização da mulher.

As músicas *Safaera* e *Party* foram cantadas de forma encadeada no Super Bowl, gerando alegria e festividade por serem faixas mais dançantes. Já a faixa *Voy Llevarte pa PR* é uma das que mais expressam sua conexão com Porto Rico e elabora significado político, pois possui referências narrativas que aludem ao período em que os Estados Unidos tomaram o controle do país após a Guerra Hispano-Americana, conforme informações do Departamento de Estado dos Estados Unidos⁶.

Outras faixas — como *EoO*, *MONACO* e *BAILE INoLVIDABLE* — embalaram o intervalo do Super Bowl com entusiasmo, mesmo sendo reproduzidas de modo breve. Já em *LO QUE LE PASÓ A HAWAii*, com participação de Ricky Martin, houve notoriedade, pois manifesta o temor dos porto-riquenhos de que se passe em Porto Rico o que aconteceu com o Havaí, ao ser incorporado aos Estados Unidos: perda do território e da identidade cultural. A canção manifesta e critica o desejo imperialista estadunidense: “Quieren quitarme el río y también la playa, quieren el barrio mío. Que abuelita se vaya. No, no, no suelten la bandera y no olviden de ella. Que no pase contigo lo que pase contigo lo que pasó a Hawaii”⁷. Em ritmo festivo, Bad Bunny conclui sua

⁶ UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE. Marcos na História das Relações Exteriores dos EUA. Office of the Historian. Disponível em: history.state.gov. Acesso em: 18 maio 2026.

⁷ “Querem me tirar o rio e também a praia, querem o meu bairro. Que a vovó vá embora. Não, não, não soltem a bandeira e não se esqueçam dela. Que não aconteça com você o que aconteceu com o Havaí”. Trecho da canção *LO QUE LE PASÓ A HAWAii*, de Bad Bunny (2020). (Tradução nossa)

apresentação com a música *DeBÍ TiRAR MáS FOToS*, que lhe concedeu boa parte de sua reputação.

Os elementos cenográficos foram dispostos em múltiplos níveis, favorecendo o fluxo e o movimento entre plataformas do artista e das demais pessoas que constituíam as cenas, dançando ou trabalhando com o uso de câmeras e demais equipamentos. Vários elementos se entrecruzam e oferecem um significado impactante a ser considerado como uma construção estética de um bairro simbolicamente latino, com fachadas de casas coloridas, postes de luz com fios emaranhados e paredes com grafites, além de grupos de pessoas exercendo seus trabalhos cotidianos na construção, vendendo algum tipo de alimento ou bebida típica, senhores em um canto jogando dominó, pessoas trabalhando em canaviais, outras dançando e curtindo uma festa, ou rapazes simplesmente aparando seus cabelos na barbearia.

Dentro desses elementos, pode-se dar evidência ao momento da participação de Ricky Martin, que, ao surgir cantando sentado em uma cadeira de plástico branca, com bananeiras ao fundo, remete à capa do álbum *DeBÍ TiRAR MáS FOToS*, que remonta à simplicidade e ao companheirismo, além de mostrar um dos produtos mais presentes em Porto Rico. A cena que sucede é de dançarinos escalando postes de luz, o que remete ao apagão ocorrido em Porto Rico nas vésperas do ano de 2025, segundo o site Agência Brasil (2024).

A afirmação de Benito Antonio, na música *El Apagón*, diz: “Ahora todos quieren ser latinos”⁸, como marco de uma identidade cultural já propagada em diversos países, e principalmente nos Estados Unidos. Sua apresentação termina evocando essa identidade ao centro, com a presença de pessoas dançando e festejando com as bandeiras de todos os países da América Latina, tornando sua performance muito mais política ao afirmar:

God bless America, sea Chile, Argentina, Uruguay, Paraguay, Bolívia, Perú, Ecuador, Brasil, Colombia, Venezuela, Guyana, Panamá, Costa Rica, Nicaragua, Honduras, El Salvador, Guatemala, México, Cuba, República Dominicana, Jamaica, Antilla, United States, Canadá, mi patria, Porto Rico! Seguimos aqui!⁹ (Bad Bunny, 2026)

⁸ “Agora todos querem ser latinos.” (Tradução nossa)

⁹ “Deus abençoe a América, ou seja, Chile, Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Peru, Equador, Brasil, Colômbia, Venezuela, Guiana, Panamá, Costa Rica, Nicarágua, Honduras, El Salvador, Guatemala, México, Cuba, República Dominicana, Jamaica, Antilhas, Estados Unidos, Canadá, minha pátria, Porto Rico! Seguimos aqui!” (Tradução nossa)

Sua performance conta com diversos elementos linguísticos marcantes que favorecem a compreensão da importância de sua presença naquele evento. Desde o início da sua apresentação, um indivíduo valoriza a posição de latino ao dizer: “Que rico es ser latino!”¹⁰, combinando com todo o gingado harmônico exercido entre o artista, os dançarinos, a plateia e os músicos presentes.

Um telão com a frase “The only thing more powerful than hate is love”¹¹ aparece no final de sua apresentação, evocando uma chamada de atenção à valorização e ao respeito à pessoa migrante, que sofre com as duras ações exercidas pelo governo trumpista, e remonta também ao seu discurso no Grammy Latino de 2026, ao afirmar em espanhol, segundo o site Forbes, com o prêmio em mãos:

Antes de agradecer a Deus, vou dizer: FORA ICE! Não somos selvagens, não somos animais, não somos alienígenas. Somos humanos e somos americanos. Eu que sei que é difícil não sentir ódio hoje em dia, e eu estava pensando: às vezes ficamos contaminados — não sei como dizer isso em inglês —, o ódio se torna mais forte com mais ódio. A única coisa mais poderosa que o ódio é o amor. Então, por favor, precisamos ser diferentes. Se formos lutar, temos que fazer isso com amor. (Forbes, 2026)

As reverberações desse show encadearam duras críticas de Trump que, de acordo com a BBC News, afirmou:

O show do intervalo do Super Bowl é absolutamente terrível, um dos piores de todos! Não faz sentido algum, é uma afronta à grandeza dos Estados Unidos e não representa nossos padrões de sucesso, criatividade ou excelência. Ninguém entende uma palavra do que esse cara está dizendo, e a dança é repugnante, especialmente para crianças pequenas que estão assistindo em todos os EUA e no mundo inteiro. Esse show é apenas um tapa na cara do nosso país, que está estabelecendo novos padrões e recordes todos os dias. (BBC News, 2026)

Os três aspectos aqui elaborados — repertório musical, elementos cenográficos e performance — interlaçam-se em uma proposta artístico-política que busca evidenciar o respeito à cultura latina e denunciar ações contrárias aos direitos humanos do governo de Donald Trump, que vem adotando políticas migratórias cada vez mais rígidas, destacando-se a ampliação do muro na fronteira com o México como medida para conter a imigração irregular. A gestão também endureceu regras de asilo e intensificou ações de fiscalização e deportação através das ações

¹⁰ “Como é bom ser latino!” (Tradução nossa)

¹¹ “A única coisa mais poderosa que o ódio é o amor.” (Tradução nossa)

truculentas do ICE — a agência federal de controle de imigração dos Estados Unidos. Nesse contexto, no início de 2026, uma mulher foi morta a tiros por um agente do ICE durante uma operação em Minneapolis (BBC News, 2026), desencadeando protestos em diversas cidades dos Estados Unidos diante das denúncias de abusos e da crescente radicalização das políticas migratórias, percebidas por parte da sociedade como práticas que evocam uma lógica de limpeza étnica.

Faz-se necessário enfrentar essa dinâmica imperialista com a promoção dos direitos humanos, com o mesmo pensamento proposto por Papa Francisco — primeiro papa latino-americano da história —, solidificado na necessidade de construir pontes e derrubar muros (Vatican News, 2022). Tal perspectiva encontra continuidade no pontificado do atual papa, Leão XIV, que diante dos conflitos internacionais contemporâneos, reafirma a proposta de valorização da pessoa humana, do diálogo e a superação da lógica do confronto, posicionando-se de modo contundente e contrário as ações do governo estadunidense. Portanto, ambos os pontífices convergem na promoção de uma cultura do encontro, capaz de resistir às práticas de exclusão e dominação tão difundidas por Donald Trump.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As perspectivas comunicacionais aqui apresentadas segundo a ótica de Jesús Martín-Barbero — enraizadas no entendimento que os meios de comunicação seriam um lugar de investigação e aprendizado a partir do popular, em que os estudiosos se debruçariam para olhar e compreender as diversidades existentes na América Latina —, têm seu legado profundo emitido no coração daqueles que buscam olhar o outro com respeito e admiração por sua condição humana, a qual é digna e merecedora de todos os direitos que as constituições possam lhes garantir.

As discussões aqui abordadas são essenciais diante dos fatos que a mídia mundial nos apresenta: estamos diante de um presidente estadunidense que ameaça diversas nações soberanas por meio de sanções, tarifas, ameaças e aniquilamentos em massa. Nesse contexto, a proposta de uma resistência latino-americana faz-se fundamental, haja vista que personalidades públicas podem transformar seu poder de influência em uma grande oportunidade para expressar indignação e protesto contra as ações imperialistas de Donald Trump.

Dessa forma, artistas como Bad Bunny, Ricky Martin e Lady Gaga exercem certa relevância política por engajar diversos grupos e comunidades através de canções, opiniões em redes sociais e posturas declaradas contrárias ao pensamento do governo Trump. No caso específico de Bunny, suas canções evocam a historicidade do seu povo, que desde a tomada da colônia espanhola pelos Estados Unidos na Guerra Hispano-América, tem seus traços culturais originários descartados pela imposição cultural estadunidenses.

Há uma década, o artista porto-riquenho Ricky Martin já teria classificado o comportamento e as falas do atual presidente dos Estados Unidos como “racistas, absurdas e acima de tudo, incoerentes e ignorantes” (The Guardian, 2015). Para ele, já em 2016 — ano da primeira vitória presidencial de Trump —, já se fazia necessário demarcar a importância dos direitos conquistados pela primeira geração de latinos que abriram caminhos para os demais. Infelizmente, concretizou-se aquilo que Ricky Martin esboçou: desrespeito e violações de direitos à comunidade latina por meio de mentiras, a fim de obter lucro político (The Guardian, 2015).

Já Lady Gaga, oriunda de família de migrantes, no ano de 2016 foi às ruas com um cartaz escrito: “o amor supera o ódio”, em protesto contra Trump que naquele momento vencia as eleições contra Hillary Clinton. Outro momento de embate deu-se a partir de uma publicação¹² feita no X em 12 de novembro de 2018, por ocasião de incêndios na Califórnia, em que a cantora afirmou: “I knew this before, but you continue to make it clear you care for no one other than yourself”¹³. Em outro momento recente, a cantora pausou o show que realizava no Japão, para discursar contra as políticas anti-migratórias de Trump, contra o ICE e para associar sua dor a das famílias que sofrem em seu país por conta da violência estatal (O Globo, 2026).

Por fim, a performance artística realizada por Benito Antônio, o Bad Bunny, no Super Bowl 2026 soa como um protesto e como um convite para que outras vozes latino-americanas se unam a esse movimento. A construção do presente artigo foi impulsionada em reconhecimento à pertinência das reflexões contidas em suas composições musicais, à sua presença marcante no audiovisual — especialmente no YouTube —, e ao seu posicionamento político dentro de uma

¹² x.com/ladygaga/status/1062058631439429633

¹³ “Donald Trump, eu sabia disso antes, mas você continua a deixar claro que não se preocupa com ninguém além de si mesmo.” (Tradução nossa)

realidade que fomenta a consciência social de sua geração, e ressalta o ecossistema dos bairros latinos em consonância com a teoria barberiana.

BIBLIOGRAFIA

BUNNY, Bad. **Super Bowl Halftime Show 2026 (Full Performance)**. YouTube, 2026. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G6FuWd4wNd8>. Acesso em: 6 maio 2026.

EUA tomam Porto Rico após guerra com a Espanha. **Folha de S.Paulo**, 6 jun. 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft06069810.htm>. Acesso em: 6 maio 2026.

IMPERIALISMO. **In:** Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/imperialismo>. Acesso em: 15 maio 2026.

INSTITUTE OF ELECTRICAL AND ELECTRONICS ENGINEERS — IEEE Communications Society. 1960s **Era of Communications**. Disponível em: <https://www.comsoc.org/node/19186>. Acesso em: 21 abr. 2026.

INSTITUTO CIDADES SUSTENTÁVEIS. **Mapa da Desigualdade de São Paulo 2025**. São Paulo: Instituto Cidades Sustentáveis, 2025. Disponível em: Mapa da Desigualdade de São Paulo 2025. Acesso em: 10 jun. 2026.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS — IHU. **Façamos um elogio ao caos: uma vida intelectual dedicada à comunicação como exercício constante da provocação**. Reportagem e entrevista especial com Jesús Martín-Barbero. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/610152-facamos-um-elogio-ao-caos-uma-vida-intelectual-dedicada-a-comunicacao-como-exercicio-constante-da-provocacao-reportagem-e-entrevista-especial-com-jesus-martin-barbero>. Acesso em: 27 abr. 2026.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Origem do Super Bowl: história e popularidade da final da NFL**. Disponível em: <https://www.olympics.com/pt/noticias/origem-super-bowl-historia-popularidade-final-nfl>. Acesso em: 23 abr. 2026.

JORNAL DA UNESP. **Políticas anti-imigração aprofundam crise de direitos humanos nos Estados Unidos, avalia pesquisadora da Unesp**. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2026/01/28/politicas-anti-imigracao-aprofundam-crise-de-direitos-humanos-nos-estados-unidos-avalia-pesquisadora-da-unesp/>. Acesso em: 23 abr. 2026.

LEÓN, Lucas Pordeus. **Porto Rico: saiba se a terra de Bad Bunny é colônia dos EUA.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2026-02/porto-rico-saiba-se-terra-de-bad-bunny-e-colonia-dos-eua>. Acesso em: 23 abr. 2026.

MADRY, Kylie; MCKAY, Rich; RIVERA, Ivelisse. **Rede elétrica de Porto Rico entra em colapso, deixando ilha às escuras.** Agência Brasil, 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2024-12/rede-eletrica-de-porto-rico-entra-em-colapso-deixando-ilha-escuras>. Acesso em: 6 maio 2026.

MALDONADO GÓMEZ DE LA TORRE, Alberto Efendy. **A trajetória metodológica suscitadora de Jesús Martín-Barbero.** Cadernos IHU Ideias, São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, n. 322, 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/322cadernosihuideias.pdf>. Acesso em: 2 maio 2026.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **La comunicación: un campo de problemas a pensar.** 1993. Disponível em: <https://repositorio.minciencias.gov.co/entities/publication/17fbc4bf-856f-4678-af5d-6cac005bba84>. Acesso em: 16 maio 2026.

O GLOBO. **Lady Gaga faz longo discurso contra Trump durante show no Japão: “meu coração dói”;** veja vídeo. O Globo, 29 jan. 2026. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2026/01/29/lady-gaga-faz-longo-discurso-contra-trump-durante-show-no-japao-meu-coracao-doi-veja-video.ghtml>. Acesso em: 17 maio 2026.

OLIVEIRA, André. **Artigo assinado: viagem do Papa Francisco ao Iraque.** Vatican News, 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-03/artigo-assinado-viagem-papa-francisco-ao-iraque-andre-oliveira.html>. Acesso em: 6 maio 2026.

RACKHAM, Annabel. **Trump critica show do Super Bowl como “um dos piores de todos”.** BBC News, 2026. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/c394g7nnzmzo>. Acesso em: 6 maio 2026.

ROGERS, Katie. **Ricky Martin attacks Donald Trump.** The Guardian, 27 ago. 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/music/2015/aug/27/ricky-martin-attacks-donald-trump>. Acesso em: 17 maio 2026.

VENKATRAMAN, Sakshi. **Agente de imigração mata mulher a tiros nos EUA; manifestantes e autoridades locais contestam versão de legítima defesa.** BBC News, 2026. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cn8jrg02k71o>. Acesso em: 12 jun. 2026.